



OS SENTIDOS DE CULTO AO CORPO EM UMA ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO DO RECÔNCAVO BAIANO

THE MEANINGS OF BODY CULT IN A BODYBUILDING GYM IN RECÔNCAVO BAIANO

LOS SIGNIFICADOS DEL CULTO AL CUERPO EN UN GIMNASIO EN MUSCULACIÓN EN RECÔNCAVO BAIANO

Thyerre Torres


<https://orcid.org/0000-0003-0018-5693> 


<http://lattes.cnpq.br/8895323632632026> 

Centro Universitário de Ciências e Empreendedorismo (Santo Antônio de Jesus, BA – Brasil)

thyerre.anias@facemp.edu.br

Alan Camargo Silva

<https://orcid.org/0000-0003-1729-5151> 

<http://lattes.cnpq.br/0220960603229593> 

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

alancamargo10@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente estudo qualitativo foi compreender os múltiplos sentidos de culto ao corpo atribuídos por frequentadores(as) de uma academia de musculação do Recôncavo Baiano. Houve a triangulação de 12 entrevistas semiestruturadas em articulação com o material digital produzido pela conta oficial do estabelecimento em uma rede social no ano de 2022. Os dados foram tratados com base no Método de Interpretação de Sentidos. Os resultados apontaram como o culto ao corpo se configura por uma noção polissêmica ao estar imbricada não somente por uma perspectiva de estilo de vida, como também por diversos atributos relacionados à saúde, à doença e/ou à beleza. Tais achados não somente revelam o pensar, agir e sentir de quem se engaja nas práticas corporais na musculação, como também sensibiliza os profissionais de Educação Física a estranharem e buscarem entender as lógicas simbólicas dos seus públicos nesses espaços denominados de “fitness”.

Palavras-chave: Academia de Ginástica; Processo Saúde-Doença; Beleza; Aparência Física; Práticas Corporais.

Abstract

The aim of this qualitative study was to understand the multiple meanings of body cult attributed by practitioners of a bodybuilding gym in Recôncavo Baiano. There was the triangulation of 12 semi-structured interviews in conjunction with digital material produced by the establishment's official account on a social network in 2022. The data was analyzed based on the Meaning Interpretation Method. The results showed how the body cult is configured by a polysemic notion as it is intertwined not only with a lifestyle perspective, but also with various attributes related to health, illness and/or beauty. Such findings not only reveal the thinking, acting and feelings of those who engage in bodybuilding practices, but also sensitize Physical Education professionals to understand the symbolic logics of their public in these establishments denominated “fitness”.

Keywords: Gym; Health-Disease Process; Beauty; Physical Appearance; Bodily Practices.

Resumen

El objetivo de este estudio cualitativo fue comprender los múltiples significados del culto al cuerpo atribuido por los integrantes de un gimnasio de musculación en Recôncavo Baiano. Se realizó una triangulación de 12 entrevistas semiestruturadas en conjunto con material digital elaborado por la cuenta oficial del establecimiento en una red social en el año 2022. Los datos fueron analizados con base en el Método de Interpretación del Significado. Los resultados mostraron cómo el culto al cuerpo se configura a partir de una noción polisémica al entrelazarse no sólo con una perspectiva de estilo de vida, sino también con diversos atributos relacionados con la salud, la enfermedad



y/o la belleza. Tales hallazgos no sólo revelan el pensamiento, el actuar y los sentimientos de quienes practican el musculación, sino que también sensibilizan a los profesionales de la Educación Física para comprender las lógicas simbólicas de sus públicos en estos establecimientos llamados "fitness".

Palabras clave: Gimnasio; Proceso Salud-Enfermedad; Belleza; Apariencia Física; Prácticas Corporales.

INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade treinava-se o corpo para a guerra ou para os jogos de competições. Originalmente o treinamento aplicado ao corpo foi desenvolvido pelos povos gregos e romanos (Oliveira, 2004). Os atletas dessa época se engajavam em uma rotina de esforços físicos que se assemelhava ao treinamento empregado na contemporaneidade, com uma preparação progressiva de sobrecargas bastante diversificada visando aprimoramentos de rendimento com base no empirismo (Corbin; Courtine; Vigarello, 2012). Ao longo do tempo, houve o desenvolvimento da preparação física por meio de uma perspectiva mecânica e pedagógica dos exercícios físicos, que atualmente podem ser compreendidos como movimentos que possuem certos objetivos e constituem práticas sistematizadas de treinamento (Fleck; Kraemer, 2017).

Um espaço que mais abrange os diferentes tipos de treinamento sobre o corpo são as academias de ginástica (Silva; Ferreira, 2020). O Brasil é considerado um dos líderes mundiais do *ranking* de países que mais possui esses tipos de espaços de práticas corporais (KERCHER *et al.*, 2022). Isso pode ser visto também na própria produção de conhecimento sobre o campo sociocultural das academias dos últimos anos (Cruz; Batista; Oliveira, 2022).

Assim, considera-se que, nesses espaços, os sujeitos vivem em uma época do culto das melhores "formas corporais" que não se ligam apenas ao aprimoramento físico-orgânico, mas também a um modo simbólico de ser e de se comportar no mundo (Sabino, 2020; Silva, 2022). Historicamente, tais representações sobre o corpo fortificado, individualizado, fragmentado e biomedicalizado se constituíram no imaginário de um corpo dito "perfeito" e, sobretudo, aliado a um estilo de vida eivado por completo bem-estar físico e mental (Torres; Ribeiro, 2023).

Nesse contexto, o presente trabalho pauta-se principalmente nas obras de um dos principais sociólogos/antropólogos do corpo da contemporaneidade: o francês David Le Breton (2011; 2012; 2013). Foi privilegiado aqui especificamente como o autor supramencionado lida com a subjetividade e a construção de sentidos atribuídos ao corpo para além de uma determinação biológica (Barros Júnior; Moraes, 2023). Assim, este texto





parte dos elementos simbólicos do corpo construídos social e culturalmente, aspecto esse problematizado, de forma pioneira, por Mauss (2015). Assim, com efeito, assume-se aqui que o corpo é “o lugar e o tempo no qual o mundo se torna homem, imerso na singularidade de sua história pessoal, numa espécie de húmus social e cultural de onde retira a simbólica da relação com os outros e com o mundo” (Le Breton, 2012, p. 34).

Portanto, torna-se importante investigar e compreender como o culto ao corpo relaciona-se aos próprios processos de formação social (Sabino, 2020), principalmente pelo fato de que o sujeito constrói a sua identidade pelas modificações corporais (Le Breton, 2011). Logo, urge a necessidade de explorar e desnaturalizar o corpo esculpido, modificado, adestrado e/ou explorado no âmbito das academias em uma perspectiva comparada já que as construções sociais assumem singularidades locais (Mauss, 2015). Assim, parte-se da ideia de que a prática da musculação faz parte do contexto das práticas corporais como mais uma manifestação cultural (Dessbesell; Fraga, 2020).

Destarte, o objetivo do estudo em tela foi compreender os múltiplos sentidos de culto ao corpo atribuídos por frequentadores(as) de uma academia de musculação do Recôncavo Baiano.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa qualitativa está ancorada pela perspectiva fenomenológica interpretativa que se caracteriza pela apreensão daquilo que pode simbolizar em dada realidade social (Schwandt, 2006). Especialmente, trata-se aqui de entender os sentidos que os sujeitos dão aos fenômenos em foco (Turato, 2013) a fim de captar os “modos de ser” nesse contexto das motricidades humanas, conforme sugerido por Leite *et al.* (2018).

O universo empírico do presente trabalho foi delineado em uma academia localizada no interior de uma cidade do Recôncavo Baiano no ano de 2022. O território do Recôncavo Baiano é composto por 20 municípios de pequeno e médio porte. A cidade onde ocorreu a pesquisa contém aproximadamente 100 mil habitantes (IBGE, 2022) e costuma ser conhecida como a “capital do recôncavo”, pois, além de ser considerada uma das maiores cidades da região, caracteriza-se por um rico comércio. Localiza-se próxima da ilha de Itaparica (lugar turístico e tropical que dispõe de diversas praias) e também da capital da Bahia (Salvador).





A academia se situa especificamente no centro da cidade. Tal academia foi selecionada para a pesquisa por justamente ser a única dentro de um *shopping center* e atender diferentes perfis de público. O *shopping center* se localiza em uma rua que possui acesso pelas principais avenidas da cidade e contém dezenas de lojas, órgãos públicos e instituições financeiras, atendendo a uma multiplicidade de consumidores especificamente das chamadas classe B e C, conforme o *site* desse comércio. As classes B e C são famílias que possuem rendimentos entre quatro a 20 salários mínimos. Bauer e Aarts (2010) argumentam sobre a riqueza de explorar e maximizar o espectro de perfis de sujeitos em uma pesquisa qualitativa.

A academia funciona entre 5h e 21h, com aproximadamente sete a oito professores(as) de Educação Física e estagiários(as). O estabelecimento fundado em 2001 não se caracteriza por uma "academia de rede" e a mensalidade custa, em média, R\$ 150,00, a depender dos planos/contratos no ato da matrícula. Além da musculação, a academia oferece aulas coletivas como funcional, *fit dance* e aeroboxe.

Para a seleção dos sujeitos participantes desse estudo, foram adotados os seguintes critérios: a) estar matriculado efetivamente na academia; b) experiência de, no mínimo, dois anos de prática com a musculação. A intenção foi compreender o ponto de vista de quem já tinha algum envolvimento com esse tipo de prática corporal e que tivesse vínculo efetivo com o estabelecimento.

Para a construção do material empírico, houve a triangulação de entrevistas semiestruturadas em articulação com o material digital produzido pela conta oficial do estabelecimento em uma rede social. Esse tipo de entrevista é composto por um roteiro flexível de questões no qual o pesquisador interage com os(as) interlocutores(as) a fim de entender o "mundo vivencial" deles(as) em dadas situações sociais (Turato, 2013). Resumidamente, a entrevista foi composta por questões relacionadas ao perfil do(a) participante e por perguntas sobre os limites e potencialidades do treinamento e da própria academia de musculação. Já a mobilização dos aspectos "digitais" auxilia na compreensão do ponto de vista dos sujeitos (Akemu; Abdelnour, 2020), elemento este cada vez mais presente no âmbito das academias (Andreasson; Johansson, 2014). Essa estratégia metodológica de triangulação permite cruzar e aprofundar as múltiplas formas de apreensão da realidade por distintos instrumentos/técnicas de pesquisa (Turato, 2013).

Assim, foram realizadas 12 entrevistas presenciais com praticantes do estabelecimento: sete mulheres e cinco homens na faixa etária entre 20 a 55 anos, quantitativo





esse balizado pelo ponto de “saturação”, isto é, quando o teor dos depoimentos começou a se repetir ao acionar novos(as) participantes (Minayo, 2017). Além disso, foram captadas 11 postagens elaboradas pela academia no “feed” do *Instagram* durante o ano de 2022. “Feed” significa o fluxo de material/ conteúdo postado em sequência que geralmente fica exposto ao acessar o perfil de dada conta/ perfil nessa rede social. Tais conteúdos imagético-textuais abordavam os objetivos da academia para/com/no corpo. Destaca-se que o perfil da academia foi criado no *Instagram* em 2016 e possui aproximadamente 5300 seguidores(as).

O tratamento dos dados estabeleceu-se a partir do Método de Interpretação de Sentidos de Gomes (2010). Após a transcrição das entrevistas e o processo de sistematização do material documental das postagens, foram cumpridas as seguintes etapas de análise: primeiramente, houve uma leitura superficial dos dois tipos de *corpus* com o intuito de captar os aspectos singulares e universais de cada tipo de fonte empírica; em seguida, foram explorados os elementos implícitos e explícitos das entrevistas e postagens; por último, houve a síntese interpretativa categorial dos sentidos atribuídos do que foi decodificado nas etapas anteriores.

Essa pesquisa foi orientada pela Resolução nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde referente aos procedimentos éticos em pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. A fim de garantir o anonimato dos(as) interlocutores(as), foram utilizados nomes fictícios ao longo do texto.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A apresentação e discussão dos resultados foram desenvolvidas pelas seguintes categorias: a) Imbricações entre saúde, doença e beleza; b) Estilo ou regulação da vida. Destaca-se que tais categorias são indissociáveis no conjunto de análise do material empírico. Ressalta-se também que ao invés de simplesmente inserir sujeitos objetificados em um contexto congelado e alegórico, o processo analítico seguiu a trilha da existência/experiência e construções do/com os sujeitos dessa pesquisa no tecido social no qual estão inseridos.

Imbricações entre saúde, doença e beleza

Foi possível detectar como os discursos imperativos em prol de uma saúde idealizada conectada principalmente à ideia de “beleza” circulou na concepção dos(as) pesquisados(as). Isso ficou evidente nos relatos dos(as) entrevistados(as) quando





questionados(as) sobre os motivos de se matricularem no estabelecimento, o que, por vezes, os(as) levavam a dicotomizar o corpo:

Estética e saúde, pois incomodava muito com o meu corpo. Era muito magrinha. Eu vi que através da atividade física poderia melhorar minha aparência corporal (Safi, mulher, parda, 38 anos).

Exercitar o corpo é exercitar a mente e na melhora de diversos benefícios fisiológicos para com o corpo, tais como: controle da pressão arterial, controle de diabetes, diminuição do colesterol total entre outras (Rô, homem, negro, 30 anos).

Que as mudanças estéticas melhoraram sua vida, principalmente o se sentir melhor (Guga, homem, negro, 21 anos).

A gente malha para melhorar a saúde, mas quer ver o corpo desenvolver! (Nutri, homem, branco, 33 anos).

Para os(as) interlocutores(as), as relações entre saúde e beleza são as maiores motivações de estarem na musculação, embora, por vezes, mencionassem que isso poderia oscilar ao longo do tempo. Exemplarmente, resgata-se aqui o pioneiro trabalho de Castro (2007) quando identificou em sua pesquisa que a saúde e beleza são os principais motivadores para os frequentadores(as) se manterem vinculados(as) à academia.

Contudo, na presente investigação, evidencia-se como os(as) pesquisados(as) realizam distinções entre as dimensões do humano, físico e mente, para justificar o seu engajamento nas práticas corporais. Tal perspectiva fragmentada de corpo pode ser vista na própria "descrição" do perfil da academia no *Instagram*: "fortalecendo corpos, mentes e laços!". Esta concepção de lapidar o corpo "saudável" e/ou "belo" para a sociedade poderia estar ancorada no entendimento do corpo como um rascunho a ser sempre corrigido em suas imperfeições, como problematiza Le Breton (2013). Assim, se a existência ou a experiência humana é corporal (Le Breton, 2012), pode-se afirmar que, para os(as) interlocutores(as), viver faz parte de um constante rito de automodificação.

De certo modo, tais perspectivas sobrepostas e fragmentadoras entre saúde e beleza se derivam da própria racionalidade (bio)médica que hegemonicamente produz discursos sobre o que é mais legítimo para/ com/ no corpo, no caso aqui, especificamente na academia. Na contemporaneidade, a musculação atrela-se principalmente à biomedicina pelos seus aspectos anatomofisiológicos (Sabino, 2020). Torres e Ribeiro (2023) lembram que historicamente houve uma série de dicotomias entre corpo e mente no interior de diversos grupos sociais e tempos históricos.



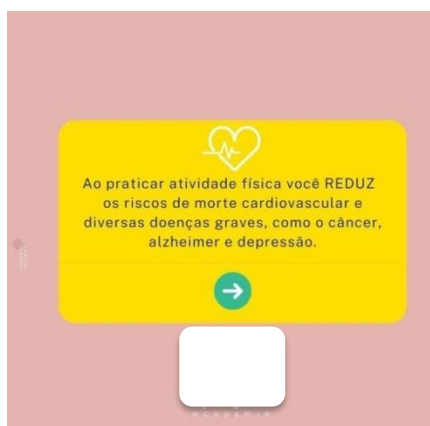


Assim, as concepções sobre a relação entre os exercícios físicos e o corpo transparece um tipo de compreensão anatomofisiológica que organiza sentidos sobre o treinamento físico e a melhoria da saúde em diálogo com a “boa forma”. Isso se complexifica com a própria formação acadêmica dos(as) interlocutores(as) que, de certo modo, tentam legitimar os seus cuidados por meio da ciência – leia-se medicalizantes.

Nesse caso, o corpo se torna o emblema do *self* que o identifica como alguém “sendo no mundo”, geralmente orientado pelo saber biomédico (Le Breton, 2011). Isso também reforça a potência da indústria mercadológica e o processo discursivo sobre uma saúde utópica, delimitando, portanto, a objetivação, de certa forma, de um tipo de corpo (Le Breton, 2012).

Ademais, nota-se como o culto ao corpo idealizado pelo estabelecimento em tela não dialogava apenas com os discursos sobre “saúde” e “beleza”, mas também com a concepção do “corpo que treina” visando à prevenção de doenças:

Figura 1 – Postagem sobre benefícios físico-orgânicos do “treinar”



Fonte: conta oficial do estabelecimento no *Instagram*.

Isso, de certo modo, corrobora com a ideia de que a academia conseguiria proteger os(as) praticantes de qualquer “mal” que poderia afetá-los no futuro ou, no mínimo, reduzir danos de algum “acometimento” físico-orgânico. Assim, estar nessa academia significaria aumentar a longevidade ou “não morrer” em breve.

Evidenciam-se, assim, os benefícios dos exercícios para o corpo no tratamento e controle das doenças (crônicas não transmissíveis, por exemplo) que se descobriam ao longo do tempo pela ciência médica. Tal dado referente às ideias mecanicistas, higienistas e biomédicas atreladas aos exercícios costuma ser naturalizado socialmente (Corbin; Courtine;





Vigarello, 2012). Este aspecto se complexifica quando não somente a doença limita-se à sua realidade orgânica, como também os sujeitos deixam de compreender que cada sociedade em dado tempo histórico define o que é “doença”. Adam e Herzlich (2001, p. 76) mencionam que “A interpretação coletiva da doença efetua-se sempre em termos que envolvem a sociedade, suas regras e a visão que dela temos: a concepção que temos de doença manifesta nossa relação com a ordem social”.

Este dado também podia ser visto em alguns relatos como a de Ré (mulher, parda, 33 anos), uma das frequentadoras mais antigas e assíduas do local, ao alegar que estava ali porque a sua mãe tinha alguns problemas e ela não queria ficar assim também. Le Breton (2013, p. 130) lembra que “O esboço desajeitado que o corpo é só estava esperando o milagre da ciência para ser endireitado e transformar-se em um ideal técnico”, no caso aqui, pelo engajamento na musculação. Le Breton (2011) também destaca que geralmente há a ideia de que o corpo é o “o único lugar da doença” e a sua ausência definiria uma “boa saúde”.

Nesse contexto, aponta-se a singularidade desse público analisado de camada média-alta em termos socioeconômicos da região. A academia atendia praticantes que tinham condições de se manterem pagando a mensalidade ativamente. Sugere-se que transparecia um investimento de segurança em longo prazo para uma espécie de “bem-viver”. Nesse caso, exercitava-se para não adoecer, aspecto esse similar identificado em um dos grupos sociais analisados por Silva e Ferreira (2018). Le Breton (2011) lembra que há diferentes usos do corpo a depender das circunstâncias econômicas dos sujeitos.

Em termos gerais, portanto, o contínuo culto ao corpo promoveria incontáveis “benefícios” que, de certa maneira, seduzem os(as) praticantes. Uma das postagens sugere o ininterrupto engajamento nas práticas corporais associado ao “bem-estar”:



Figura 2 – Postagem sobre aderência aos treinos



Fonte: conta oficial do estabelecimento no *Instagram*.

Nesse tipo de discurso visual e textual, percebe-se a negação à labuta do corpo dito “perfeito”. Entretanto, a postagem também demonstra uma busca contínua de um corpo que é “bonito e aceitável” no imaginário social. Paradoxalmente, utiliza-se de um ideal hegemônico de padrão de corpo a fim de estimular os(as) praticantes a buscarem uma “melhor versão de si”.

Desse modo, o culto ao corpo acaba sendo uma questão social que atravessa diferentes marcadores sociais da diferença, apoiando-se fundamentalmente em ideais de saúde e beleza – leia-se utópica e estritamente biológica (Sabino, 2020). Isso pode ser visto, por exemplo, em estudos sobre academias com enfoque de gênero no que diz respeito às expressões de masculinidades (Silva; Ferreira, 2016; Santos; Prado; Francisco, 2021) e feminilidades (Frazão; Franco; Coelho Filho, 2018), como também em pesquisas nesses espaços que focaram em diferentes usos do corpo em função de determinada camada social (Silva; Freitas; Lüdorf, 2019; Silva; Ferreira, 2021). Le Breton (2011, p. 6) lembra que:

Nossas concepções atuais do corpo estão ligadas ao avanço do individualismo enquanto estrutura social, à emergência de um pensamento racional positivo e laico sobre a natureza, ao recuo progressivo das tradições populares locais, e ligadas ainda à história da medicina, que encarna em nossas sociedades um saber, de certa forma, oficial sobre o corpo.

Assim, diversos grupos sociais visam determinadas modificações corporais à luz de uma idealização de um possível “bem-estar” ou de “boa forma”, como problematizado por Sant’anna (2001). Nessa direção, argumenta-se que o “corpo é ponto de ancoragem a que é possível referir-se para se aprender com o sujeito, gerir-se, manipular-se, transformar-se,



ultrapassar-se como pessoa ou indivíduo entre os outros – seja por cirurgia, terapias, drogas ou virtude estoica” (Michaud, 2008, p. 563).

Logo, as imbricações entre saúde, doença e beleza naturalizadas pelos(as) praticantes e “bombardeadas” pelas vias digitais da academia em foco indicam como o culto ao corpo assume uma multiplicidade de sentidos para/na vida. Em outras palavras, mais do que categorias ou atributos abstratos de caráter eminentemente biológico, “conseguir saúde”, “não estar doente” e “ser belo(a)” são imperativos morais que podem assumir outras conotações em dados contextos locais.

Estilo ou regulação da vida

Apreendeu-se também um processo de usos do corpo que moldaria a própria vida (Le Breton, 2013). Gera-se um movimento moral do “exercitar-se” que obriga o sujeito a se engajar instrumentalmente nas academias:

As pessoas que conseguem mudar o corpo podem mudar qualquer outra coisa da vida que quiserem. (Lai, mulher, branca, 30 anos)

O treinamento me faz sentir mais pré-disposta e mais forte! (Carla, mulher, parda, 38 anos)

Fiquei apaixonada pelo estilo de vida e minha prioridade é a musculação à qual não fico sem. (Ré, mulher, parda, 33 anos)

Identificou-se um movimento reflexivo no ponto de vista dos(as) interlocutores(as): aprimora-se a vida através do corpo e aprimora-se o corpo através da vida com base em um “estilo de ser e estar no mundo”. Assim, sobre a sensação de treinar o corpo, os relatos foram na seguinte direção: “minha prioridade diária é fazer exercícios físicos”; “exercitar o corpo é vida”, dentre outras lógicas de se engajar na musculação.

Assim, observou-se uma aparente coerção “sem folga” entre o corpo e o exercício físico. Constrói-se, portanto, uma bricolagem (provisória?) do corpo como se fosse uma máquina de gestão de si, modulada a partir de práticas e discursos que almejam uma espécie de rendimento de cuidados classificados socialmente (Le Breton, 2011).

Essa forma de conduzir a vida por meio do culto ao corpo estava alinhada com a própria construção da imagem do estabelecimento no âmbito digital, como foi possível observar em algumas postagens:





Figura 3 – Postagem sobre benefícios genéricos do “treinar”



Fonte: conta oficial do estabelecimento no *Instagram*.

Figura 4 – Postagem sobre mudanças corporais derivadas do “treinar”



Fonte: conta oficial do estabelecimento no *Instagram*.

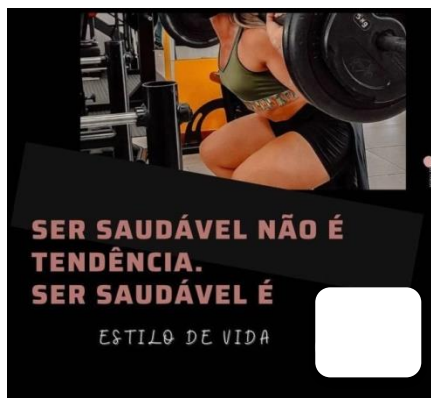
Nota-se que esses tipos de postagens através da rede social atrelam-se à ideia de que “ir à academia” e “fazer seu treino” sugerem a “melhora da vida”. Considera-se que essa forma de divulgação sobre o culto ao corpo indica que apenas nesse espaço que se “busca força para viver”. Um corpo “forte” moldado pelos exercícios físico se transformaria em um símbolo de sucesso na vida social para além daquela experienciada no interior da academia. Assim, o culto ao corpo não se configura apenas pela construção dos “músculos”, mas também um modo moral de “vencer” ou “enfrentar” os “obstáculos do cotidiano”.

Destarte, infere-se que os sentidos das modificações corporais “via halteres” permitem o sucesso na vida social. Para Le Breton (2013), o corpo se torna um continente a ser explorado e, sobretudo, modelado em prol de lucros sociais. Assim, sugere-se, nas palavras de Shilling (2012), o culto de um “capital físico” nesse subcampo da musculação envolvendo diferentes sentidos na direção de administrar a vida.



Tais associações entre estilo ou regulação da vida e saúde também se legitimavam de algum modo nas próprias postagens da academia no *Instagram*, como pode ser visto a seguir:

Figura 5 – Postagem sobre saúde e estilo de vida



Fonte: conta oficial do estabelecimento no *Instagram*.

É possível perceber que a divulgação da academia fortalece e enaltece essa relação da prática dos treinamentos com a de estilo de vida em diálogo com a ideia de saúde. Nota-se que a noção de estilo de vida se contrapõe à ideia de “tendência”, reforçando um imaginário do “ser saudável” antes como resultado de uma forma de viver do que algo transitório e esporádico. Para os(as) interlocutores(as), perceber o “saudável” como um estilo de vida implica reconhecer as academias como elementos indispensáveis na construção da saúde. Em uma leitura mercadológica sobre esses tipos de estabelecimentos, cabe acionar Le Breton (2011) quando menciona que a academia acaba sendo local privilegiado onde acolhe o corpo hipervalorizado.

Nessa direção, à luz de Foucault (2014), argumenta-se que os treinamentos nesta academia vislumbrando um ideal de “estilo (ou regulação) de vida” se aproximavam de uma “escala de controle”. Havia uma forma de trabalhar o corpo detalhadamente, isto é, de exercer sobre ele um esquadrinhamento no sentido de um poder sobre o corpo dito “ativo”. Essa “escala de controle” pode ser exemplificada em um dos apontamentos da interlocutora denominada aqui de Silva (mulher, parda, 23 anos): “não vejo o exercício como sacrifício, mas vejo como ‘válvula de escape’. Sem treinar minha autoestima cai 90%. Treinar a mente e corpo é algo essencial”.

Tal perspectiva era potencializada pelos próprios profissionais do estabelecimento, como foi identificada concretamente no relato do professor de Educação Física Rô (homem,





negro, 30 anos) ao desejar impor aos(às) frequentadores(as) as suas propostas de treinamento. Com base em Foucault (2014), detectou-se como ele exerce influência neste campo social (musculação) por um “poder disciplinar”, através de instrumentos simples, tais como: “o olhar hierárquico” (a vigilância quando ele observa os movimentos das pessoas), as “sanções que normaliza os indivíduos” (através das práticas de exercícios físicos que ele propõe), e a combinação de procedimento que é específico: “o exame” (avaliação das diversas formas do treinamento).

Em suma, com base nos depoimentos e postagens do *Instagram* dessa academia, percebe-se um controle disciplinar sobre o corpo que detém um poder que comporta diversos tipos de instrumentos, técnicas, procedimentos etc (Foucault, 2014). Essa realidade se coaduna com a visão de Le Breton (2011) quando afirma que a preocupação social com o corpo tornou um imaginário que invadiu a sociedade, e que dificilmente alguma região sai ilesa das reivindicações da condição corporal. Por isso, o estilo ou regulação de vida na musculação aqui analisados conta relativamente como os sujeitos (con)vivem em sociedade (Silva, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível entender a multiplicidade de sentidos de culto ao corpo atribuídos por frequentadores(as) dessa academia de musculação. Embora o presente trabalho revele perspectivas sobre esse culto de si especificamente em um estabelecimento do Recôncavo Baiano, argumenta-se que tais dados fazem pensar não somente na riqueza de esmiuçar as lógicas simbólicas dos públicos nesses espaços denominados de “*fitness*”, como também pode conscientizar os(as) profissionais de Educação Física a terem atenção nas necessidades e interesses dos(as) praticantes em dados contextos socioculturais. Em outras palavras, entender como culto ao corpo pode se configurar por uma noção polissêmica permite ampliar ou pulverizar os diferentes porquês de se engajar nas academias de musculação.

Em síntese, foram captadas a importância e a vontade dos(as) interlocutores(as) de realizarem seus treinamentos na qual um “ideal de beleza” tem seu lugar privilegiado na motivação de estar em uma academia, embora haja um “desejo para a saúde”. Ademais, percebeu-se que os(as) praticantes de musculação concebem o culto ao corpo como um estilo de vida e algo que não pode ser deixado de lado já que constitui a própria forma de viver. Portanto, compreende-se que a busca do culto ao corpo por meio das técnicas de treinamento servem como dispositivos de um “bem-viver” social.





Como pano de fundo e que pode ser mais explorado futuramente em novos estudos qualitativos, recomenda-se empreendimentos investigativos que analisem as academias como um nicho de mercado para qual vendem um produto. Este comércio engloba não somente aparelhos e exercícios para treinamentos, como também conjunto de redes que interligam o mundo dito "fitness", tais como: professores(as) de Educação Física, acessórios esportivos, suplementos alimentares, esteroides anabolizantes etc. Enquanto estrutura e campo de sociabilidade, esses locais projetam diversos dispositivos que fazem com que os sujeitos se tornem praticantes assíduos(as) e fiéis aos diversos consumos relacionados ao culto ao corpo e, por consequência, reverberando na própria vida cotidiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Philippe; HERZLICH, Claudine. **Sociologia da doença e da medicina**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

AKEMU, Onajomo; ABDELNOUR, Samer. Confronting the digital: doing ethnography in modern organizational settings. **Organizational research methods**, v. 23, n. 2, p. 296-321, 2020.

ANDREASSON, Jesper; JOHANSSON, Thomas. The fitness revolution: historical transformations in the global gym and fitness culture. **Sport science review**, v. 23, n. 3-4, p. 91-112, 2014.

BAUER, Martin; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BARROS JÚNIOR, Bartolomeu Lins de; MORAES, Danielle Batista de. A sociologia do corpo de Le Breton e sua relação com a agenda pós-moderna. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Brasília, v. 45, p. 1-7, 2023.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. 2 ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História do corpo: da revolução à grande guerra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CRUZ, João Vitor; BATISTA, Mayara Brito; OLIVEIRA, Rogério Cruz de. Concepções de corpo nas academias de ginástica: uma revisão de escopo. In: SILVA, Alan Camargo (Org.). **Corpo e práticas corporais em academias de ginástica**. Curitiba, PR: Bagai, 2022.

DESSBESELL; Giliane; FRAGA, Alex Branco. Exercícios físicos na Base Nacional Comum Curricular: um estranho no nicho da cultura corporal de movimento. **Movimento**, v. 26, P. 1-14, 2020.





FLECK, Steven; KRAEMER, William. **Fundamentos do treinamento de força muscular**. 4 ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FRAZÃO, Deimersom Pereira; FRANCO, Neil; COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. Frequentadoras de academias de ginástica para mulheres e tradição familiar: subordinação ou emancipação? **Psicologia & sociedade**, v. 30, p. 1-11, 2018.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

KERCHER, Vanessa *et al.* Fitness trends from around the globe. **ACSM's health & fitness journal**, v. 26, n. 1, p. 21-37, 2022.

LEITE, Francinaldo Freitas *et al.* Corpo, cultura e movimento: reflexões sobre a motricidade humana em uma perspectiva fenomenológica. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 3, p. 58-73, 2018.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2015.

MICHAUD, Yves. O corpo e as artes visuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História do corpo: as mutações do olhar. O século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é educação física**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SABINO, César. **Drogas de apolo: uso ritual de esteroides anabolizantes em academias de fisiculturismo; notas de uma política do corpo**. Curitiba, PR: Appris, 2020.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.





SANTOS, Victor Cesar Bellonidos; PRADO, Vagner Matias do; FRANCISCO, Marcos Vinicius. "Tá monstrão"! A construção da masculinidade em uma academia de musculação. **Revista latino-americana de geografia e gênero**, v. 12, n. 1, p. 34-53, 2021.

SCHWANDT, Thomas. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

SHILLING, Chris. **The body and social theory**. 3. ed. London, England: Sage, 2012.

SILVA, Alan Camargo (Org.). **Corpo e práticas corporais em academias de ginástica**. Curitiba, PR: Bagai, 2022.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Entre remediar e prevenir: uma etnografia sobre o manejo da dor e dos "limites" corporais em academias de ginástica do Rio de Janeiro. **Pensar a prática**, v. 21, n. 1, p. 107-118, 2018.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Evolução das academias de ginástica no Brasil e sua relação com a saúde. **Educación física y deportes**, v. 24, n. 262, 2020.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Homens no "limite" das dores na musculação de uma academia de ginástica de bairro popular: uma etnografia sobre formas plurais de expressão da masculinidade. **Movimento**, v. 22, n. 1, p. 89-98, 2016.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. No pain, no gain? Sentidos e significados atribuídos às dores e aos riscos entre malhar e treinar em academias de ginástica. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 35, n. 1, p. 1-13, 2021.

SILVA, Alan Camargo; FREITAS, Diego Costa; LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Profissionais de educação física de academias de ginástica do Rio de Janeiro e a pluralidade de concepções de corpo. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 41, n. 1, p. 102-108, 2019.

TORRES, Thyerre; RIBEIRO, Alessandro Rabaioli Nunes. História do corpo em movimento: um ensaio científico reflexivo. **Contextos**, v. 3, n. 2, p. 1-30, 2023.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Dados do primeiro autor:

Email: thyerre.anias@facemp.edu.br

Endereço: Rua fonte do céu, quadra 2, Bairro Andaiá, Santo Antônio de Jesus, BA, CEP: 44434-252, Brasil.

Recebido em: 10/11/2023

Aprovado em: 04/06/2024



**Como citar este artigo:**

TORRES, Thyerre; SILVA, Alan Camargo. Os sentidos de culto ao corpo em uma academia de musculação do recôncavo baiano. **Corpoconsciência**, v. 28, e.16639, p. 1-17, 2024.

